

## **Dossier REDIGE – Rede Discurso e Gênero**

*Dossiê Rede Discurso e Gênero*

**Maria Carmen Aires Gomes**

[maria.carmen@unb.br](mailto:maria.carmen@unb.br)

<https://orcid.org/0000-0001-7402-4353>

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

**Litiane Barbosa Macedo**

[litiane.macedo@gmail.com](mailto:litiane.macedo@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-3742-0300>

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

O Dossiê REDIGE – Rede Discurso e Gênero – tem como objetivo reunir os estudos desenvolvidos e apresentados por conferencistas e palestrantes que compuseram o VI Seminário Práticas Socioculturais e Discurso – I Encontro Rede Discurso e Gênero, realizado, nos dias 22, 23 e 24 de novembro de 2022 na Universidade de Brasília, com o objetivo de apresentar ao público amplo, e compartilhar, pesquisas em linguagens, discurso e gênero nas mais variadas abordagens epistemológicas e metodológicas, de forma a promover neste interlocuções e articulações considerando os contextos diversos, a pluralidade dos lugares de fala e diferentes campos dos estudos.

**APRESENTAÇÃO**

A REDIGE é o resultado do projeto **Rede de Pesquisa em Discurso e Gênero: cartografia para integração Brasil e América Latina**, aprovado pelo CNPq (2021), desenvolvido pelo Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/CEAM/UnB), Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/IL/UnB) e Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED), com a equipe formada por pesquisadoras docentes das cinco regiões do Brasil, a que se somam pesquisadoras/es docentes estrangeiras/os e estudantes de pós-graduação. O referido projeto objetiva levantar e analisar dados sobre os grupos de pesquisas em discurso e gênero que realizam estudos no continente, tendo como meta final a articular uma rede latino-americana de estudos de discurso e gênero, com o desejo de conhecer, mapear e articular grupos de pesquisa em discurso e gênero que poderiam beneficiar-se do mútuo contato.

Nos últimos dois anos, a investigação levantou e analisou dados sobre os grupos e as pesquisas em discurso e gênero realizadas no continente para produzir cartografias com base no mapeamento dos grupos, suas temáticas, abordagens teóricas e metodológicas com vistas à consolidação da rede latino-americana de estudos de discurso e gênero. Neste mapeamento, identificamos o **MulherDis** como um grupo de pesquisa atuante com uma produção extremamente qualificada, e por este motivo, neste Dossiê, apresentamos uma entrevista com a Profa. Dra. **Mônica Graciela Zoppi Fontana**, líder do referido grupo, a fim de que ela possa divulgar os estudos e pesquisas ali realizados, os temas estudados, os projetos desenvolvidos, a abordagem teórico-metodológica aplicada, além das parcerias nacionais e internacionais.

Compõem esta publicação cinco artigos científicos produzidos por pesquisadoras e pesquisador que lideram, ou fazem parte, de grupos de pesquisas que investigam as relações entre gênero social, e suas intersecções, e discurso tanto no Brasil quanto na Argentina e Uruguai. O **Núcleo de Estudos de Gênero Através da Linguagem** (NuGaL), liderado pela Profa. Dra. Debora Figueiredo, é um grupo de pesquisa situado no campo da Análise Feminista Crítica de Discurso (Heberle et al, 2006; Lazar, 2007; Caldas-Coulthard, 2019), interessado na relação mútua e constitutiva entre discurso e gênero. Os trabalhos do grupo tratam das relações entre gênero, raça, classe, sexualidade e poder no marco do capitalismo financeiro do terceiro milênio, sobretudo no que diz respeito ao papel da linguagem, ou das semioses, na construção e reconstrução dos sistemas de crença e conhecimento, das relações e das identidades sociais. Em *Avaliatividade, gênero e raça no discurso sobre cabelo crespo*, Debora Carvalho Figueiredo, Jéssica Soares Lopes e Luana Helena Uessler tratam das relações entre gênero, raça e poder, a partir de práticas sociais de cuidados dos cabelos afro, por meio de análise de narrativas de mulheres negras sobre a transição capilar, foi realizada análise crítica (Fairclough, 2003) das relações que englobam as intersecções entre gênero, capitalismo, raça e discurso sobre cabelos crespos, com foco no subsistema de Atitude dentro do Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005).

O Grupo de pesquisa **Perspectivas Linguísticas Contemporâneas sobre Identidade, Subjetividade e Conhecimento** liderado pela Profa.Dra. Joana Plaza Pinto, cujos trabalhos sobre

corpo, linguagem e performatividade são amplamente reconhecidos na comunidade científica. No texto *Vulnerabilidade linguística em ambientes digitais e as forças escalares da ameaça contra mulheres*, Amanda Diniz Vallada e Joana Plaza Pinto ampliam o debate sobre as relações entre fala e conduta discutindo condições de vulnerabilidade linguística nas ameaças contra mulheres nas coarticulações entre interações digitais e face a face, focando no caso das ameaças à jornalista Vera Magalhães durante a campanha eleitoral de 2022. No ambiente digital, a citacionalidade dos enunciados ameaçadores leva ao crescimento exponencial de repetições. A circulação promove transformações dos textos digitais e as repetições evidenciam o “legado citacional”, ambas características sujeitas a mudanças de escala da cadeia textual à conduta violenta invocando um cronotopo da história de violência contra mulheres.

A Profa.Dra. Daniele de Oliveira, atua na linha de pesquisa Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA, e lidera o grupo de pesquisa **Margens e Entrelinhas**, onde investiga os seguintes temas: relações raciais e discurso; branquitude, racismo e discurso e estudos críticos do discurso. Neila Priscila dos Santos Costa, Tatielle Gomes Rodrigues e Daniele de Oliveira, em *Ronda maria da penha e a violência contra mulheres no discurso da polícia militar baiana*, analisaram discursos referentes à violência de gênero contra mulheres a partir de falas da coronel Denice Santiago, autora do projeto Ronda Maria da Penha, situado no Estado da Bahia, à luz dos Estudos Críticos do Discurso (Fairclough, 2003; van Dijk, 2008), que têm como objetivo central investigar a (re)produção discursiva do poder e do abuso de poder nas relações sociais, aqui, as que envolvem violências contra mulheres. O corpus analisado foi coletado através do Canal Vrá!!!, hospedado no YouTube, projeto da jornalista baiana Luana Assiz, e refere-se à entrevista da jornalista com a coronel Denice Santiago.

No Uruguai, o Prof.Dr. Germán Canale lidera o **Núcleo de Análisis del Discurso en Sociedad** investigando diversos processos e práticas discursivas em articulação com fenômenos sociais, culturais e políticos mais amplos; uma das linhas de investigação são: gênero, sexualidade e discurso. Neste dossiê, o referido pesquisador reflete criticamente sobre um aspecto do “armamento simbólico” das atuais lutas contra o gênero e a diversidade sexual: as estratégias discursivas, no texto *Una caracterización del discurso anti-género/sexualidad y sus estrategias desde el análisis crítico del discurso*. Apresenta uma definição operacional de “discurso anti-género/sexualidade” que mostra o complexo quadro social, político, económico e cultural que sustenta a produção e circulação deste discurso. Em seguida, identifica as estratégias mais recorrentes do discurso antigênero/sexualidade e seus potenciais efeitos retóricos – com base em pesquisas próprias e de outros autores regionais.

Na Argentina, a Profa.Dra. Mariana Marchese membra da **Rede Discurso e Gênero da Argentina** e diretora de Trabalhos Práticos para o Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina / Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina. Neste Dossiê, Valentina Marcarrone e Mariana Marchese, em *Representaciones sociodiscursivas sobre la trata de*

*personas: un estudio de caso en medios de comunicación argentinos hegemónicos y alternativos*, tratam do tráfico de pessoas, entendido como uma sequência criminosa que inclui o sequestro e o desaparecimento forçado de mulheres, que são consideradas corpos-objetos, e comercializadas para exploração sexual (Staff Wilson, 2009; Torres Falcón, 2016). Analisam contrastivamente como essa questão é construída por uma mídia hegemônica, "Página 12: la otra mirada", e pela abordagem de uma mídia alternativa, por meio da análise linguístico-discursiva, identifica-se que a mídia hegemônica, embora se apresente como divergente, está restrita pela matriz genérica (Bajtín, 2003), enquanto a mídia alternativa se afasta dessa matriz e, assim, pode alcançar maior empatia com essa realidade.

Soma-se a este dossiê a resenha *Um olhar ao passado, pensando o futuro: resenhando mulher, estado e revolução*, elaborada por Yasmim Yonekur, da obra escrita por Wendy Goldman: *Mulher, Estado e Revolução: política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

As relações entre gênero social e linguagens são o foco de investigadores e investigadoras na área da Linguística desde o início da década de 1980. Vallada e Pinto (2021), em *Cinco décadas de linguística feminista: índices de consolidação do campo*, identificam e descrevem, por meio de uma pesquisa bibliográfica, as características de estudos denominados de linguística feminista publicados em artigos pós-anos 2000, cinco décadas depois do estabelecimento do campo, em 1975, e apontam a relevância dos estudos de gênero para pesquisar fenômenos da linguagem. Segundo as pesquisadoras, considerando as pesquisas sobre gênero e linguagem, pode-se creditar os estudos pioneiros brasileiros a Ostermann (1994; 1995) e Figueiredo (1997; 1998a; 1998b), o que implica dizer que há três décadas pesquisadoras e pesquisadores dedicam-se a tal temática. As pesquisadoras ressaltam também a importante contribuição de Carmen Rosa Caldas-Coulthard, com destacada produção científica da estudiosa, é, sem dúvida, uma das pessoas mais influentes para uma geração de mulheres linguistas feministas brasileiras; suas publicações foram fundamentais para estimular a produção de pesquisa nacional no campo.

O diálogo entre os pressupostos linguístico-pragmáticos e o estudo crítico da heteronormatividade tem sido desenvolvido em pesquisas de Motschenbacher (2011), Pinto (2002; 2007), Borba (2014; 2015). No âmbito dos estudos da Sociolinguística Interacional e da Linguística Textual, Anna Christina Bentes também tem desenvolvido pesquisas articulando categorizações sociais, a ativação/manutenção de determinados tópicos discursivos e o estabelecimento de determinadas relações intertextuais que auxiliam na estruturação de um mapa de coletivos de mulheres, MAMU, elaborado por Maria Carolina Machado (2014). Destacamos os estudos "pioneiros da Linguística Aplicada Indisciplinar na paulatina tradução teórica e política das problematizações queer para o campo dos estudos da linguagem no Brasil" (Silva; Melo, 2020, p. 276), principalmente as pesquisas desenvolvidas por Moita Lopes (e seu grupo de pesquisa) sobre discurso, corpo, identidade e masculinidades (2001, 2002, 2003, 2006).

Atualmente, são muitas as pesquisas no âmbito dos estudos discursivos críticos que se vinculam às perspectivas feministas e estudos de gênero para discutir as relações entre discursos, práticas sociais, gênero social, corpo, poder e ideologias (Lazar, 2007; Caldas-Coulthard; van Leeuwen, 2004; Caldas-Coulthard; Moon, 2010, 2019; Figueiredo, 2004; 2009; Heberle, 2004; Gomes, 2019, 2018, 2017; Magalhães, 2009; Borges, 2018; Gonzales e Vieira, 2016; Vieira; Dias, 2016; Silva e Melo, 2020; Tomazi, 2019; 2020; Resende, 2009 ; Oliveira, 2018 ; Macedo; Figueiredo, 2020).

Lazar (2007), em *Feminist Critical Discourse Analysis: articulating a feminist discourse praxis*, propõe-se a articular os estudos discursivos críticos e as pesquisas feministas de forma a desenvolver uma ADC feminista (estudos discursivos críticos feministas) que “objetiva avançar numa compreensão rica e diferenciada dos funcionamentos complexos de poder e ideologia nos discursos que sustentam (hierarquicamente) arranjos de gêneros sociais” (p. 141) de forma a “mostrar como premissas de gênero frequentemente aceitas como certas relações hegemônicas de poder são discursivamente produzidas, sustentadas, negociadas e transformadas em diferentes contextos e comunidades. (p. 142). Uma vez que relações de poder são socialmente situadas e relacionais, os estudos feministas mencionados aqui inevitavelmente abordam questões situadas em nosso contexto social – brasileiro, latino-americano (Gomes; Carvalho, 2020; Ribeiro; Gomes, 2020; Gomes, 2016; Gonzales; Vieira, 2016; Vieira; Dias, 2016).

A forma pela qual nos definimos/identificamos ou nos definem/identificam depende de nossa posicionalidade, ou seja, nos constituímos numa intersecção de cruzamentos: raça, etnia, geografia, gênero, sexualidade, classe social, faixa etária, deficiência, incapacidade, tamanho-gordura. Nossos privilégios e nossas vulnerabilidades se constituem, se produzem, se negociam, se transformam, por meio dos atos de fala e de atos de corpo/discurso. Para além de uma ADC feminista, conforme propõe Lazar (2007), é preciso pensar em uma abordagem discursivo crítica feminista queer, que ultrapasse as relações de poder entre categorias essencialmente definidas “homens e mulheres”. Como chama atenção Borges: “fomentar um cuidado maior com questões que giram em torno da normatividade e da estabilidade das categorias analisadas, tornando a investigação mais autorreflexiva e crítica em relação a suas próprias limitações epistemológicas e teóricas” (Borges, 2018, p. 81).

Moita Lopes e Fabrício (2020, p. 376), ressaltam que é preciso considerar o queer nas lentes interseccionais, já que

o gênero/sexualidade precisa ser considerado em conjunto com os atravessamentos dos corpos por sentidos de classe social, raça, etnia, religião, idade, nacionalidade etc. Essa é uma noção importante no sentido de que, ao se interseccionar o gênero e a sexualidade com outras dimensões sociais, os significados performatizados são ainda mais desestabilizados.

A proposta de uma linguística *queer*, segundo Borba (2015, p. 94), buscaria investigar “como discursos (no sentido foucaultiano de práticas que produzem os objetos dos quais falam) deixam traços na língua, possibilitam a ação social e são, na performance linguística, sustentados ou subvertidos”. Em defesa também de uma linguística *queer*, Silva e Melo (2020) organizam um dossiê no periódico *Cadernos de Linguagem e Sociedade* com o objetivo de apresentar as perspectivas *Queer* nos estudos da linguagem e afirmam que:

o campo dos estudos da linguagem vem sendo, nas últimas décadas, perturbado por demandas há algumas décadas inimaginadas: feministas, *queer*, LGBT, negras, dentre outras formas de politização e questionamento das normatividades sociais vigentes e de suas estruturas de poder. Nesse contexto, especialmente a partir de 1970, com a publicação de *Language and Womens Place*, de Robin Lakoff, questões de gênero ascendem ao privilegiado espaço dos “interesses” da Linguística, uma linguística ainda tão branca, cisgênera, masculina, heterossexual e eurocentrada (Silva; Melo, 2020, p. 275).

Moita Lopes e Fabrício (2020, p. 381-382) defendem também que “teorizações *queer* e visões performativas da linguagem apresentam enormes vantagens epistêmicas” pois, ao privilegiarem “a diversidade de formas de vida, elas não só focalizam a interação e a emergência de sentidos singulares como também propõem um outro modo de produzir conhecimento” que considerem “as indeterminações, incertezas e acasos constitutivos de nossa experiência social”.

Gomes, Vieira admitem a necessidade de um esforço feminista “para re-pensar abordagens teóricas, metodológicas e políticas coerentes com nossos problemas e demandas sociais latino-americanos, tendo em mente a reestruturação da noção de poder segundo a ética nativa da coexistência, da com-vivência, da sustentabilidade” (Gomes, Vieira, 2020, p. 190). Falar sobre as relações entre gênero e linguagem requer uma compreensão mais complexa sobre a ontologia do ser porque somos constantemente reinterpretados, submetidos a normas e regulações de como ser, o que ser e como ser, e invariavelmente essas práticas são produzidas e circuladas atravessadas pelas relações de poder e saber; discursivamente produzidas. É importante pensar em tais problematizações não só como discursivas, mas também como não-discursivas, já que se trata de um emaranhado complexo que envolve fatores econômicos, estruturais, políticos, além do olhar enviesado dos investimentos morais e éticos. Para o campo dos estudos discursivos, as temáticas sobre gênero interseccionalizadas a outros eixos identitários - raça, classe, geopolítica, etnia, tamanho/gordura, capacidade intelectual, religião, entre outros - à luz de uma analítica decolonial das práticas sociais tem sido muito caras para o ensino (letramento crítico, racial), para as pesquisas e para a nossa vida em sociedade.

Esse breve panorama da atualidade sobre os estudos que relacionam linguagem, discurso, gênero, sexualidade, raça em interseção a outros eixos identitários nos mostra que esse campo interdisciplinar/multidisciplinar cresceu muito nas últimas décadas e com algumas dificuldades tem-se legitimado no Brasil, na América-Latina e Caribe. Considerando que são diferentes posições



epistemológicas, metodológicas e ontológicas, apresentamos neste Dossiê, investigações produzidas no âmbito da Rede Discurso e Gênero (REDIGE).

Desejamos leituras com fissuras, intersecções e rasgos

Maria Carmen Aires Gomes e Litiane Barbosa Macedo

Dezembro 2023.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, V.L.O.; ALMEIDA, D. M. V. [As narrativas do pós-armário no Youtube: discurso, cultura e subjetividades](#). *Gláuks – Revista de Letras e Artes (Universidade Federal de Viçosa – ISSN: 1415-9015)*. v. 19, nº 1., p. 199-218, 2019.
- BORBA, R. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*, v. 9, n. 1, p. 91-107, jan./jun., 2015.
- BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cad. Pagu*. n. 43, p. 1-13, Campinas, jul./dez. 2014.
- BORGES, L. A. *Meu corpo, minhas regras: representações e identidades de gênero nos discursos de ativistas (trans)feministas*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, 2018.
- CALDAS-COULTHARD, C.; LEEUWEN, T. V. Discurso Crítico e Gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 11-33, 2004.
- CALDAS-COULTHARD, C. Mulheres Públicas: Poder, Representações Semióticas e Gênero. *Discurso & Sociedad*, v. 13, n. 1, p. 29-50, 2019.
- CALDAS-COULTHARD, C.; MOON, R. 'Curvy, hunky, kinky': using corpora as tools for critical analysis. *Discourse & Society*, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 99-133, 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0957926509353843>.
- FIGUEIREDO, D.C. Gênero e poder no discurso jurídico. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 15, n. 21, p. 37-52, 1997.
- FIGUEIREDO, D.C. Discurso, gênero e identidade: Uma análise crítica de sentenças jurídicas em casos de estupro. *Revista Ciências da Saúde (Campinas)*, Florianópolis, v. 17, n.1, p. 214-232, 1998a.
- FIGUEIREDO, D.C. Identities and gender in the discourse of rape trials. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, UFSC, v. 7, n. 2, p. 85-102, 1998b.
- FIGUEIREDO, D.C. Linguagem e gênero social: contribuições da análise crítica do discurso e da lingüística sistêmico-funcional. *D.E.L.T.A.*, v. 25, n. esp., p. 732-753, 2009.
- FIGUEIREDO, D.C. Violência sexual e controle legal: uma análise Crítica de três extratos de sentenças em caso de Violência contra a mulher. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 61-84, 2004.
- GOMES, M. C. A.; CARVALHO, A. B. "Não podem ser negras e gordas": analisando a violência verbal em reações sociodiscursivas produzidas por leitores/as em contextos jornalísticos digitais brasileiros. *Revista de estudos da linguagem*, [S.l.], v. 28, n. 4, p. 1667-1695, oct. 2020. ISSN 2237-2083.

- GOMES, M. C. A. Agência e poderes causais: analisando o debate sobre a inclusão de ideologia de gênero e orientação sexual no plano decenal de educação – Brasil. *Polifonia*, v. 23, n. 33, p. 89-109, 2016a.
- GOMES, M. C. A. Identidades de gênero no movimento funk: um estudo explanatório crítico de notícias jornalísticas brasileiras. *Ilha do Desterro* (UFSC), v. 69, p. 183-200, 2016b.
- GOMES, M. C. A. Violência, Intolerância e corpo feminino: analisando as reações sociodiscursivas na mídia em torno da prática de amamentação. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. v. 19, n. 2, p. 175-194, 2017.
- GOMES, M. C. A. Dos “elogios” às ofensas: ações performativas, violências e regulações de gênero em práticas sócio-discursivas políticas brasileiras. *Discurso & Sociedad*, v. 13, n. 1, p. 76-98, 2019.
- GOMES, M.C.A; VIEIRA, V. “Estudos Discursivos Críticos: análise crítica de problemas sociais discursivamente manifestos”. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I.L; LARA, G.P. *Teorias Discursivas - novas práticas e formas discursivas*. 1 ed. Campinas: Pontes Editora, 2020. p. 173-200.
- GONZALES, C.; VIEIRA, V. Uso de metáforas em falas de docentes sobre currículos escolares. *Discurso & Sociedad*, v. 13, n. 1, p. 99-117, 2019. Disponível em: [http://www.dissoc.org/ediciones/v13n01/DS13\(1\)Gonzalez&Vieira.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v13n01/DS13(1)Gonzalez&Vieira.pdf). Acesso em: 23 abr. 2019.
- GONZALEZ, C.; VIEIRA, V. A mulher como alvo de campanhas publicitárias: uma análise semiótico-social das campanhas Nesfit, da Nestlé. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 15, n. 3, p. 347-365, set./dez., 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v15n3/1518-7632-ld-15-03-00347.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- HEBERLE, V. M. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 85-112, 2004.
- HEBERLE, V.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. (Org.). *Linguagem e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Ufsc, 2006.
- LAZAR, M. M. Feminist Critical Discourse Analysis: articulating a feminist discourse praxis. *Critical Discourse Studies*, v. 4, n. 2, p. 141-164, august, 2007.
- LUGONES, M. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 12 de Julho de 2020.
- MACEDO, L. B.; FIGUEIREDO, D. C. “Não posso colocar essa palavra feminismo porque eu acho muito forte”: discurso e linguagem avaliativa sobre feminismo em narrativas de gênero produzidas por acadêmicas cabo-verdianas. *Critical Discourse Studies*, v. 1, p. 1-30, 2020.
- MAGALHÃES, I. Gênero e discurso no Brasil. *Discurso & Sociedad*, v. 3, p. 714-737, 2009.
- MELO, G.C.V; SILVA JÚNIOR, P.M.; MARQUES, A.A.S. Discursos sobre raça: quando as teorias queer nos ajudam a interrogar a norma. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 21(2),2020. p.411-434.
- MOITA LOPES, L. P. Como ser homem, heterossexual e branco na escola: posicionamentos múltiplos em narrativas orais. In: *II Congresso Internacional da ABRALIN*, 2001, Fortaleza. Programa & Resumos, 2001. p. 239-239.
- MOITA LOPES, L. P. Letramento e construção da identidade social. In: *IV semana de letras neo-latinas*, 2002, Rio de Janeiro. Caderno de Resumos, 2002. p. 48-48.
- MOITA LOPES, L. P. Discurso como espaço de construção das identidades sociais de gênero e sexualidade. In: *13 Intercâmbio de Pesquisa em Lingüística Aplicada*, 2003, São Paulo. 13 InPLA - Caderno de Resumos, 2003. p. 157-157.



- MOITA LOPES, L. P. Falta homem até pra homem: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: Viviane Maria Heberle; Ana Cristina Ostermann; Débora de Carvalho Figueiredo. (Org.). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, p. 131-157.
- LOPES, L.P.; FABRÍCIO, B. F. Por uma ideologia linguística responsiva às teorizações Queer. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 370-387, 31 dez. 2020. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/les.v21i2.35701>.
- MOTSCHENBACHER, H. Taking Queer Linguistics further: sociolinguistics and critical heteronormativity research. *International Journal of the Sociology of Language*, [S.L.], v. 2011, n. 212, p. 149-179, 2011. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/ijsl.2011.050>.
- OLIVEIRA, D.; RESENDE, V. M. Branquitude, discurso e representação de mulheres no ambiente acadêmico da UFBA. *Bakhtiniana*, São Paulo, 15 (4): 149-171, out./dez. 2020.
- OLIVEIRA, D. A representação do crime de racismo no discurso do jornal baiano Correio. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 19, p. 79-94, 2018.
- OSTERMANN, A.C. Bonita de doer: análise crítica do discurso em revistas para meninas adolescentes. *The Specialist*, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 151-162, 1995.
- OSTERMANN, A.C. Male's Dominance in Conversational Interactions. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 127-133, 1994.
- PINTO, J. P. Performatividade radical: ato de fala ou ato de corpo. *Gênero*. Niterói, n.1, v. 3, p.101-110, 2002.
- PINTO, J. P. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *D.E.L.T.A.*, n.1, v.23, p.1-26, 2007.
- RESENDE, V. M.; RABELO, N. Do vídeo à denúncia: representação do estupro coletivo no Twitter e estratégias discursivas. *LINGUAGEM & ENSINO (UCPEL. IMPRESSO)*, v. 22, p. 263-292, 2019.
- RESENDE, V. M. Entre a análise discursiva crítica e a crítica explanatória: a crise do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e o protagonismo juvenil. In: SILVA, D.E.G.; LEAL, M.C. D.; PACHECO, M.N.C. (Org.). *Questões de discurso: representação, gênero, identidade e discriminação*. 1ed.Goiânia: Cênone, p. 101-112, 2009.
- RIBEIRO, S. S.; GOMES, M. C. A. 'Práticas discursivas de resistência motivadas pela iterabilidade de violências: análise discursivo-crítica dos relatos de homens trans estudantes'. *Trabalhos em linguística aplicada*, v. 1, p. 1-25, 2020.
- TOMAZI, M. A agentividade nas manchetes sobre violência de homens contra mulheres. *Siscurso & Sociedad*, v. 14, p. 823-844, 2020.
- TOMAZI, M. M. (Des)construção de face da mulher nos títulos de notícias sobre feminicídio. *Interdisciplinar*, v. 31, p. 197-219, 2019.
- VALLADA, A. D.; PINTO, J. P. Cinco décadas de linguística feminista: índices de consolidação do campo. *Revista Estudos Feministas*, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 1-17, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n164988>.
- VIEIRA, V.; DIAS, J. de F. Análise de discurso crítica e filosofia da meta-realidade: reflexões sobre ética e identidades. *Polifonia*, [S. I.], v. 23, n. 33, p. 51-69, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/3862>.

## O/A(S) AUTOR(ES/AS)

### Maria Carmen Aires Gomes

Professora Titular do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), da Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora da Rede Discurso e Gênero (REDIGE), da ALED). Coordena o Grupo de Pesquisa AFECTO é e dirigente do NELLs (CEAM). Faz parte do Comitê Gestor do INCT Caleidoscópio (UnB/CNPq). Bolsista Produtividade Pesquisa 2. E-mail: maria.carmen@unb.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8496712334085415>

### Litiane Barbosa Macedo

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nas seguintes áreas: Análise Crítica do Discurso; Gramática Sistêmica Funcional; Estudos da Linguagem e Interseccionalidades; Estudos da Tradução; Estudos decoloniais; Feminismo Negro; Estudos de Gênero em contextos africanos; Educação Antirracista. Membro dos grupos de pesquisa: NuGal (UFSC) e AFECTO (UnB) e também da REDIGE. E-mail: litiane.macedo@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6790768970782842>.

**Como citar:**

GOMES, Maria Carmen Aires; MACEDO, Litiane Barbosa. Apresentação do Dossiê. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 294-303, jul./dez. 2023. DOI: 10.26512/les.v24i2.51824. Disponível em: . Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Maria Carmen Aires Gomes,  
Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

**Direito autoral:**

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)..

